

Glaucius Oliva vence eleição na USP

O engenheiro foi o mais votado ontem; também estão na lista tríplex João Grandino Rodas e Armando Corbani



O engenheiro Glaucius Oliva, de 50 anos, foi o mais votado ontem nas tumultuadas eleições para reitor da Universidade de São Paulo (USP). Ele saiu vencedor, apesar de não ter conseguido a maioria dos votos do colégio eleitoral de 325 pessoas. A lista tríplex que será entregue ao governador José Serra terá ainda o diretor da Faculdade de Direito, João Grandino Rodas, que ficou em segundo lugar, e o pró-reitor Armando Corbani.

O segundo turno foi realizado no Memorial da América Latina, sob forte esquema de segurança da Polícia Militar. A eleição deveria ter ocorrido anteontem, na reitoria, mas foi impedida por protesto de alunos, funcionários e moradores de favelas. Foi a primeira vez na história da USP que isso aconteceu.

Os manifestantes voltaram a se reunir na frente do Memorial, mas o local já amanheceu cercado de policiais. Como o Estado informou ontem, a estratégia de levar a eleição para um local externo pretendia justamente dar liberdade de ação à PM. Neste ano, a presença da polícia no câmpus, que entrou em conflito com estudantes, foi muito criticada.

O governador vai escolher o novo reitor da USP neste mês. Tradicionalmente, o primeiro da lista é nomeado. No entanto, como o candidato preferido de Serra, Grandino Rodas, ficou em segundo lugar, especula-se que isso possa não ocorrer. "Seria chato ganhar no primeiro e no segundo turno e não levar, mas o governador pode escolher quem quiser", disse Oliva. O mandato da reitora Suely Vilela termina no dia 25.

As regras determinam que haja, no máximo, três votações para que um dos candidatos atinja a maioria dos votos (com relação ao colégio eleitoral, de 325 pessoas). Como isso não ocorreu, o resultado da última delas é o que vale. Oliva teve 161 votos, Grandino, 104 e Corbani, 101. Em seguida vieram o pró-reitor Ruy Altafim, com 78, a diretora da Faculdade de Educação, Sonia Penin, com 61, e o matemático Francisco Miraglia, com 20. Wanderley Messias, da comunicação social, teve 13, e o diretor da Faculdade de Arquitetura, Sylvio Sawaya, 6 votos.

Segundo fontes ouvidas pelo Estado, o resultado mostra o poder de influência da reitora. Os candidatos apoiados por ela - Oliva, Corbani e Altafim - somaram 340 votos (62% do total de 544). Cada eleitor podia votar em até três candidatos. Oliva aglutinou a preferência das unidades do interior e algumas consideradas de esquerda, como Escola de Comunicações e Artes e Faculdade de Filosofia e de Educação. Rodas ficou com o voto das tradicionais: Direito, Poli e Matemática.

"O resultado mostra que a USP não tem uma escolha muito clara, nenhum candidato polarizou a eleição", disse o ex-reitor Adolpho José Melfi. Compareceram à votação 274 eleitores (84%). Entre os que faltaram, muitos eram alunos e funcionários. "A votação reflete o anseio da comunidade desde o primeiro turno", afirmou a reitora. Os três primeiros da etapa anterior se repetiram ontem.

O momento mais tenso foi quando alunos forçaram a entrada. A PM controlou a situação. "Cumprimos o papel de denunciar essa farsa", disse Magno de Carvalho, do sindicato.

Cientista é o preferido da reitora, mas não de Serra

Para vencer as eleições na USP, o cientista Glaucius Oliva teve de traçar uma estratégia arriscada. Não queria ligar sua imagem à da reitora Suely Vilela, desgastada com as sucessivas crises de uma gestão amplamente criticada. Mas também não podia abrir mão do seu apoio, que garantiria ao menos os votos das unidades do interior, onde Suely ainda tem influência.

Ficou em cima do muro e deu certo. A reitora gosta de Oliva. Apesar de não declarar publicamente e ter gente de sua equipe entre os candidatos, sabia-se que ele era seu preferido. Foi Oliva um dos responsáveis pelo maior feito da gestão Suely, o programa Inclusp, que dá bônus a alunos de escolas públicas no concorrido vestibular da Fuvest.

O professor tem pensamentos ousados para uma instituição tradicional e burocrática como a USP. Defende que o Enem substitua a 1ª fase da Fuvest - o que não agrada em nada ao governo estadual, que não quer ver valorizado o exame do MEC. Também gostaria que os currículos dos cursos fossem colocados na internet, para qualquer um ter acesso. "Tem professor que é contra porque a Unip vai pegar e copiar. Mas isso é a melhor coisa que pode acontecer", disse, em entrevista ao Estado.

Professores antigos da instituição torcem o nariz para o fato de Oliva ter 50 anos e pouca experiência administrativa. "Ele entende só dos laboratórios dele", dizem. O paulistano Oliva, que pesquisa proteínas para fabricação de fármacos, foi o primeiro cientista do País a mandar um experimento para o espaço e pode ser o reitor mais jovem da USP, se realmente for nomeado pelo governador.

Mas há quem acredite que José Serra pode não escolhê-lo, mesmo estando no topo da lista e contrariando uma tradição de respeito à opinião da universidade. O governador não gostaria de nomear um aliado da reitora que ele tanto criticou. E seu preferido seria João Grandino Rodas. Para Oliva, não passa de intriga da oposição.

Desafio será harmonizar convivência no câmpus

O próximo reitor da USP assumirá uma reitoria desgastada com o governo do Estado e com boa parte da comunidade universitária. Nos últimos quatro anos da gestão da farmacêutica Suely Vilela, a reitoria foi invadida por 50 dias, prédios da Cidade Universitária foram bloqueados por semanas e a Polícia Militar disparou bombas de gás e balas de borracha durante confronto com estudantes nas ruas do câmpus.

Ano após ano, as críticas foram se acumulando. Inicialmente elas estavam concentradas nos grupos sindicais e estudantis - os primeiros a apoiar a candidatura da reitora e os primeiros também a entrar em conflito com sua gestão, logo nas primeiras greves.

A maneira como conduziu o episódio da invasão da reitoria em 2007, negociando exaustivamente e dando sucessivos prazos para o grupo, rendeu à reitora críticas tanto no meio acadêmico como no governo.

Neste ano, durante nova greve com bloqueios de prédios, a polícia foi chamada pela primeira vez desde o regime militar. O episódio deu impulso a um movimento que pede descentralização e diálogo na universidade - ideia encampada por setores diversos da USP, em graus e intensidades diferentes. "O maior desafio do novo reitor será promover mudanças mais ligadas à convivência dentro do câmpus", diz o ex-reitor da universidade Adolpho Melfi.

REPERCUSSÃO

"O Glaucius tem um perfil mais democrático e de diálogo", disse o professor do Instituto de Ciências Biomédicas (ICB) Luiz Giorgetti de Britto. Para Maria Fidela de Lima, da Faculdade de Odontologia de Bauru, o vencedor da eleição é "sensível às reivindicações". Nei Fernandes de Oliveira Júnior, diretor da Engenharia de Lorena, afirmou que USP espera que Serra escolha o mais votado.

Suely Vilela proíbe que imprensa acompanhe pleito

A entrada de jornalistas não foi permitida no Memorial da América Latina, local onde ocorreu a eleição para reitor da USP. Somente os funcionários da Rádio USP e do Jornal da USP puderam entrar. Enquanto fotógrafos da assessoria de imprensa da instituição circulavam no pátio, repórteres e fotógrafos de diversos veículos de comunicação - incluindo o Estado - passaram o dia na rua, sob sol e chuva, sem acesso direto às informações.

Segundo a assessoria de imprensa da USP, a decisão partiu da reitora Suely Vilela e da Comissão Eleitoral para "garantir a segurança da votação". Em eleições anteriores, realizadas dentro da Cidade Universitária, a presença da imprensa na reitoria era autorizada.